

Desdobramento: como construir pertencimento

Unfolding: how to build belonging

Fabiana Pedroni (Sedu-ES/IA-Unesp)

Resumo: Este texto realiza uma defesa do princípio de desdobramento entre pesquisas teóricas e pesquisas poéticas como parte dos processos de construção de pertencimento. Nesse sentido, estabeleço relações entre ideias de Boaventura de Souza Santos, Ailton Krenak e Daniel Munduruku e o sentido de habitar heideggeriano. Inicialmente, narro processos teórico-poéticos que apontam para a necessidade construtiva, atrelada ao cotidiano, e da criação de memórias como fundamental para habitar o mundo. A partir dessas experiências teórico-poéticas, aponto para a urgência do pertencimento como reação à crise permanente, sublinhada pelo caos climático e pela pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: processos poéticos; construir; habitar; pertencer; desdobrar.

Abstract: *This text defends the principle of splitting between theoretical research and poetic research as part of the processes of building belonging. In this sense, I establish relationships between ideas from Boaventura de Souza Santos, Ailton Krenak and Daniel Munduruku and the Heideggerian sense of dwelling. Initially, I narrate theoretical-poetic processes that point to the constructive need, linked to everyday life, and the creation of memories as fundamental to inhabiting the world. From these theoretical-poetic experiences, I point to the urgency of belonging as a reaction to the permanent crisis, highlighted by climate chaos and the COVID-19 pandemic.*

Keywords: *poetic processes; build; inhabit; belong; unfold.*

Introdução

Maria Prateleira era o outro nome de minha mãe, Maria Angélica. No começo, parecia um apelido debochado, dado à mãe que tudo faz na casa, até instalar prateleiras. Esse apelido surgiu justamente quando minha mãe inventou de instalar as nossas prateleiras de canto. Cortou em triângulos as portas do velho armário que ia virar lenha, furou a parede e instalou as prateleiras. Depois, fez panos bordados para enfeitá-las, porque seria impossível encontrar paninhos triangulares. Com o tempo, para mim, esse nome passou a significar um poder. Ela queria, ela fazia. Sei que há complexidade social e de gênero nessa questão, mas, o poder de construção de minha mãe sempre foi algo que me fascinou.

A máquina de lavar estava bamba? Ela fazia um calço. O rejunte do piso estava saindo? Ela rejuntava a cozinha. O quintal estava escuro? Ela fazia um poste de madeira, arrumava a fiação, juntava com um bocal, e tudo se iluminava.

Quando era criança, eu não percebia isso. Talvez, apenas tenha percebido a dimensão dessa influência já na vida adulta, e só tenha compreendido a importância dessa atitude construtora durante a pandemia de Covid-19. Por meses, sofri com uma extensão de tomada colocada no lugar errado. O quarto possuía poucas tomadas, então pedi que puxasse uma extensão de trás da cama para perto da janela. Nessa mesma janela há uma faixa colorida, verde, que começa do chão, vai até a base inferior da janela e retorna para a parte superior até o teto. Uma faixa estreita que quebra o branco usado no restante das paredes do quarto.

O pedreiro fixou a caixa de tomada da extensão dentro da área verde, na estreita faixa colorida. Nem antes, nem depois da faixa, e nem mesmo no meio. Foi a primeira coisa que arranquei da casa com vontade. Puxei as canaletas, tirei tudo e refiz o trabalho. Emassei, novamente, as partes danificadas da parede, que estavam soltando, trabalho malfeito do mesmo pedreiro, e refiz a extensão.

Assim que consertei o meu quarto, voltei a ver a janela. A faixa ficava justamente na sua base da janela, onde eu a abria para que o cachorro se apoiasse para observarmos lá fora. Sem a barreira do problema, a janela voltou a existir. Hoje, a mudança da extensão elétrica completa três anos e meio e volto a pensar no poder de construir.

A faixa começava do chão até a base inferior da janela, e, depois, voltava na parte superior, estendendo-se até o teto. A janela cortava a faixa, você deve ter imaginado. Mas, eu penso diferente. A faixa levava o verde para fora de casa.

É outra faixa, que sublinha o pequeno arbusto em um jarro, na garagem do meu prédio, ela é que marca, de uma forma diferente, o verde do prédio vizinho. A fachada desse prédio tem pastilhas grandes, de um verde escuro, verde de mata quando chove; prédio que tem desenhado um grande círculo creme, que a faixa me diz que é o meu sol que não dorme. Às vezes, eu me esqueço; às vezes, eu deixo de perceber, mas a faixa está ali para me lembrar das cores e da ausência da tomada, para me lembrar de que é preciso mudanças e deslocamentos. É preciso construir.

A pandemia de Covid-19 me trouxe o poder construtivo de minha mãe como uma resposta à crise permanente, ali também evidenciada. Desde que o neoliberalismo se impôs como a versão dominante do capitalismo, sujeito cada vez mais à lógica do setor financeiro, o mundo passou a viver em permanente estado de crise (Souza Santos, 2020, p. 5). A pandemia não foi a responsável direta pelo estado de crise, mas ela se tornou um fator decisivo de evidenciação.¹

A noção de crise deveria ser a de um estado excepcional e passageiro, que leva para uma condição melhor, após a sua superação. Contudo, a crise permanente transforma-se na causa que explica tudo, que justifica, por exemplo, como afirma Boaventura de Souza Santos, o desemprego pelos cortes de gastos e toda investida contra as políticas sociais.

Souza Santos soma, ao capitalismo, outros dois modos de dominação, o colonialismo e o patriarcado. Juntos, essa tríade, ou, como ele diz, esses três unicórnios, se fortalecem na característica de onnipresença social. Enraizados e invisibilizados, até mesmo naturalizados, eles corroboram para a permanência do estado de crise. Ao dizer que “O objectivo da crise permanente é não ser resolvida. Mas qual é o objectivo deste objectivo? Basicamente, são dois: legitimar a escandalosa concentração de riqueza e boicotar medidas eficazes para impedir a iminente catástrofe ecológica.” (Souza Santos 2020, p. 6), o professor relaciona a crise de coronavírus, grave e aguda, de significativa letalidade, à crise ecológica, também grave, mas de projeção lenta, que passa despercebida mesmo com uma letalidade exponencialmente maior. Essa crise permanente nos traz a um momento de crise humanitária global. Muitos dos problemas sublinhados de forma global, hoje, já eram pontuados na ameaça aos povos indígenas. A crise permanente é resultado da exploração descontrolada dos recursos naturais e da opressão dos povos indígenas. É uma crise perpetuada pelo sistema econômico e político dominante, que prioriza o lucro e o crescimento econômico acima de tudo, mesmo quando isso ameaça a sobrevivência dos povos indígenas e a própria sustentabilidade do planeta.

Para Ailton Krenak (Oliveira, 2020, n.p.) “O que a pandemia tem feito é um ensaio sobre a morte. É um programa do necrocapitalismo. A desigualdade deixa fora da proteção social 70% da população do planeta. E, no futuro, não precisará dela sequer como força de trabalho.” Esse ponto, citado em entrevista pelo líder indígena, é peça chave no livro de Souza Santos (2020), assim como para outros trabalhos que analisaram a pandemia em seu caráter discriminatório de grupos sociais.

Em “Ideias para adiar o fim do mundo”, Ailton Krenak (2019) lança a potencialidade da ação de contar histórias:

1 Depois de evidenciada, seria possível voltar a esconder? Essa é uma questão um tanto complexa, mas que precisar estar sempre como um alerta de base para nossas produções.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (Krenak, 2019, pp. 13-14)

Contar uma história é se permitir ter fruição de vida. Isso é adiar o fim do mundo. Em meio ao escancaramento da crise permanente, é preciso não apenas que a hierarquia de valores seja reavaliada, mas que seja revolucionada. E para que uma revolução aconteça, há diferentes caminhos a se seguir. Um deles é a necessidade de pertencimento ao mundo através dos sentidos de construir e habitar.² É nesse sentido que este texto se constrói, como uma experiência de habitar e construir um pertencimento como resposta à crise permanente.³

O tempo, a memória e o pertencimento

Mas, o que significa “pertencer ao mundo”?

Para Daniel Munduruku (2021, n.p.), o pertencimento é o resultado do reconciliamento do sujeito com o seu passado, o qual deve acontecer através da leitura crítica.

E só o passado que nos projeta para a frente. Não há nenhuma possibilidade de um futuro nos chamando. Porque futuro, ele é só uma ficção, ele não existe. Mas a experiência vivida, a história vivida, a memória construída, ela é fato. E a memória que se construiu no brasileiro de maneira geral é de não ter memória (Munduruku, 2021, n.p.)

Quando há memória, ela é adocicada por uma herança romântica. “Ah, naquele

2 Há muitos outros caminhos de resposta. Outro, que sublinho, é o esperar, nos termos da teoria freiriana e de todo seu legado. Paulo Freire (1992) usou o verbo “esperançar” para se referir ao ato de cultivar e compartilhar esperança como força motora de mudança positiva na sociedade. Para Freire, a construção de uma sociedade mais justa e democrática passava pelo esperançar como uma forma de resistência à opressão e às desigualdades sociais. Através da educação, a esperança é luta.

3 Como construção constante e a busca por desdobramento e meios de acessibilidade, partes deste artigo foram discutidos no processo de criação da tese de doutorado “Habitar, mediar, construir: o encantamento do mundo pelo livro ilustrado” (Pedroni, 2023).

tempo que era bom...” – essa é uma daquelas expressões corriqueiras, ditas com um suspiro que quer ser inocente, mas que carrega uma grande complexidade histórica. A memória, nesse caso, é o desejo romântico de retorno para uma época que se supõe mais simples. Quando falamos dessa maneira, esse parece ser um sentimento simples e inofensivo. O desejo de retorno, o revivalismo, o saudosismo e o passadismo surgidos com a nossa modernidade, no século XIX, possuem características muito próprias. Os habitantes dos novos centros urbanos começaram a dizer que a vida no campo era mais tranquila, muitos deles sem jamais ter experimentado a rotina de trabalho exaustivo da roça.

Artistas românticos repudiaram as categorizações frias do racionalismo iluminista e professavam um retorno para um gótico idealizado. Essas posturas, apesar das idealizações, não deixavam de conter uma vontade de produzir um mundo novo. Um século depois, e em outra direção, para apontar para um ideal de futuro, os modernismos inventaram raízes mais sólidas que a terra onde brotavam. Voltar-se para o passado ou para o futuro são tentativas de transformar o presente em um ideal. É o ideal que move a mudança, seja ela realizável ou não.

Mas, cada vez que a realidade se nega a seguir os nossos sonhos de juventude, nós nos recusamos a encarar a atualidade e reclamamos, “No meu tempo é que era bom”, ou lamentamos, “Que tempo bom, que não volta nunca mais!”.⁴ A romantização do passado afeta diretamente a forma como negligenciamos o presente e, por consequência, o futuro. Negligenciado, o futuro se torna ainda mais incerto. Em um tempo da circularidade, tudo é presente. Passado e presente se retroalimentam e o futuro não é marco a ser alcançado. Nesse sentido, não ter memória, não ter um passado-presente é tornar-se ausente. Ser ausente é o caminho contrário do pertencimento.

É parte do projeto neoliberal tornar o sujeito ausente. A mercantilização da vida subtrai a memória e a história, pois um produto só pode ser vendido no presente. Nessa visão de mundo, a única existência válida é a existência como produto. A memória aparece apenas como exploração afetiva de mercado, sintetizada em imagens e peças vintage. A conexão do sujeito com a vida é tão falsa quanto uma cueca Calvin Kleir⁵, e tão carnal quanto o sustento daquele que a vende na rua para alimentar os filhos. Nessa falsa conexão comercial, o passado é romantizado, o presente é vendido e o futuro se torna uma propaganda na qual não acreditamos mais, ou estamos cansados e frustrados demais para pensar tão longe, em algo que sequer é possível.

4 Para um aprofundamento sobre os males da idealização do passado, confira o segundo episódio da terceira temporada do podcast Não Pod Tocar, de título “Que Tempo Bom?”. Disponível em: <<https://notamanuscrita.com/2020/03/22/npts03e02/>>. Acesso em: 16 de nov. de 2023.

5 Não, você não leu errado, apesar de, hoje, as falsificações não possuem necessariamente erros intencionais de grafia.

Daniel Munduruku (2021, n.p.) faz um comparativo entre os processos históricos dos seres indígena e não-indígena, em relação à natureza e à ideia de paraíso cristão. Segundo ele, o ser não-indígena foi desligado da natureza quando se desligou do paraíso, na tradição cristã. Somamos a esse desligamento os processos racionalistas, que aumentaram a lacuna entre o ser e a natureza. Para Ailton Krenak (2020, p. 11): “Estamos a tal ponto dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento que nos desconectamos do organismo vivo da Terra.” Daniel Munduruku (2021, n.p.), por sua vez, afirma que “O povo indígena não se desligou, não precisa ser religado ao paraíso.” O ser não-indígena precisa ser religado ao mundo que foi negado e silenciado.

A reconciliação da pessoa com o seu passado envolve, também, a sua reconexão com a natureza e com a materialidade, perdida em um longo processo de racionalização da experiência. O sujeito ignorou sua pertença ao mundo e apostou em sua capacidade de dominá-lo. Em caminho contrário, há diferentes esforços de reconexão e pertencimento, alguns desses envolvem a criação poética, que provoca e problematiza a relação do sujeito com o mundo. É nesse caminho de discussão que estamos, no caminho da criação.

Para adiar o fim é preciso construir

“Quando eu for embora, vou sentir saudades do mar”. Foi dessa sensação futura que criei certa obsessão pelo registro e pela construção de memórias. Não sei ao certo como se formou esse imaginário, mas, pensava que todo migrante que deixa a costa perde a sua referência de lugar. Eu me mudaria de Vitória, Espírito Santo, para São Paulo, capital, e não mais saberia de onde o vento sopra nem sentiria na pele o cheiro salgado de domingo.

Pelo imaginário da perda, criei uma memória de saudades em tempos de espera. Ainda não havia deixado o mar e me mudado para São Paulo. Ainda assim, todos os dias, eu inventava uma lembrança a partir da observação das ondas e do encontro céu-água. Eu as criava para que, quando estivesse longe, pudesse me lembrar das sensações-imagens. Criei memórias, insistentemente, porque as que eu tinha já eram distantes. A falta que me fariam seria a mesma de qualquer coisa que ficou na infância.

E então eu o fotografei (Figura 1). Vigiei o mar semana após semana, até o dia anterior à minha mudança. Agora, num momento quase presente, iço aquelas lembranças por um fio poroso, atravessado por novas experiências.⁶

Em 2012, registrava o presente para um futuro imaginado em saudade. Em

6 Este trecho já foi desdobrado de diversas formas no site notamanuscrita.com, onde foi construído, inicialmente, como postagem de processo de criação/vivência. Depois, incorporou-se no livro *caixas papéis janelas: memórias alheias*. São Paulo: Itaú Social, 2022. Disponível em: <<https://baladaliteraria.com.br/loja/caixas-papeis-janelas/>> Acesso em: 16 de nov. de 2023.



Figura 1. Fabiana Pedroni, Quando eu for embora, 2012. Fotografia de paisagem marítima de nascer do sol. Toda a imagem é composta em diferentes tons de alaranjado, exceto por uma faixa preta que se estende por toda a base da paisagem. Na linha do horizonte, ao longe, a silhueta de sombra de navios. Acima da linha, as nuvens criam movimento na imagem, com um pequeno foco de luz dourado ao centro. Abaixo da linha, o mar reflete a porção laranja do céu, criando uma paisagem harmônica.

2013, já sem mar, acompanhei as folhas caírem. Em 2013, o futuro era outro. Eu, menina roceira, fui parar naquela metrópole. Em uma casa de fundos, a paisagem de minha janela era um muro branco. Poucas chuvas depois, as nuances de sujidade deram outra constelação. Aos pés do muro, um corredor estreito acolhia as folhas de árvores que eu não conseguia alcançar.

No começo, eu as varria com frequência. Passados os ponteiros, eu as deixei acumular. Gostava de ouvir as folhas caírem umas sobre as outras. Gostava de ouvir o barulho de rastro das folhas sob as patas de um gato que nunca vi. E me encantava pelo acúmulo que me impregnava de memórias. Eram as folhas do pé de ameixa que deixei lá na casa da roça, no interior do Espírito Santo. Eram as folhas que chamam de nêspere, acolhedoras do piso favorito de minha mãe, que guardamos após a reforma do banheiro.

Quando me deparo com imagens do passado, nem sempre compreendo como elas apontavam para o futuro, para um desejo de tempo.⁷ Às vezes, me incomodo

⁷ Segundo Robert Sokolowski¹ (2004), a relação entre a memória e a recordação está na percepção antiga de algo. O que guardamos como memória são as próprias percepções antigas, evocadas quando recordamos, e não as imagens das coisas que percebemos. Lembramos dos objetos como foram dados naquele momento, mas, com ruídos dos mais diversos. E, às vezes, o que me interessa é o ruído.



Figura 2. Fabiana Pedroni, Folhas Secas, 2013. Fotografia de um corredor cercado por duas paredes brancas, uma grosseiramente texturizada à esquerda e outra lisa e rebocada à direita. Ao centro, o corredor de piso frio em cor terracota é coberto por várias folhas de nêspere secas, algumas sementes, concentradas em maior grau próxima à parede áspera, da esquerda.

com a poeira que insiste em se acumular sobre os móveis, com o sal que gruda nas janelas do litoral, com aquilo que nos faz caminhar em círculos repetitivos; ou, ao menos, que me dão essa impressão. Quão distante a limpeza de um móvel está da observação de uma florada de primavera?

Parece uma aproximação absurda. Talvez seja. Mas, a movimentação dos corpos, o pensamento e o prazer de alteração do espaço podem retirar essa sensação de ciclo. Toda semana, limparei este chão, mas toda semana, será um chão diferente. As folhas que caíram não serão mais as mesmas. Os pensamentos que dominam o esforço físico não serão mais os mesmos. Sentir prazer no cotidiano é um desafio. Não se sentir sufocada pelo cotidiano é um desafio ainda maior.

O tempo nos lava. O tempo nos leva.

Se não nos agarrarmos a cada florada, ele nos sopra.

Sopra para longe. Nos acumula entre as folhas.

Onde caem as suas folhas?⁸ (Figuras 2 e 3)

As folhas continuam a crescer e cair. Pequenos detalhes do mundo são pinçados

8 Folhas, Fabiana Pedroni, 2021. Animação de fotografias de 2013, com texto poético "O tempo que nos lava". Disponível em: <https://notamanuscrita.com/2021/06/08/cronica-o-tempo-que-nos-lava/>. Acesso em: 16 de nov. de 2023.

Nos dias em que não se dorme

Nos dias de agonia,

a duração do segundo grita alto

Eu me irrita com o tempo

O tempo se irrita comigo

O acúmulo me desgasta

O acúmulo me impregna

Tira meu sono

Eu insisto

Eu lavo

Mas é o tempo que me banha

Sou frágil, o tempo é cruel

Confio, o tempo é infinito

Eu me irrita com o tempo

E ele só quer brincar

Num arranjo de ponteiros

E volta...

Nos dias em que não se dorme

Nos dias de agonia,

a duração do segundo grita alto



Figura 3. Fabiana Pedroni, *O tempo que nos lava*, 2021. Composição com 18 capturas de tela de vídeo que mostra a sequência de queda de folhas em um corredor de piso terracota cercado de duas paredes brancas. A sequência de imagens mostra a passagem de tempo pelo acúmulo de folhas em diferentes graus, desde um piso limpo à um piso coberto de folhas. Também mostra a artista varrendo e colhendo as folhas com uma pá azul. O tempo também é percebido pela mudança de luz no ambiente, há capturas de tela em que o corredor se encontra escuro, quase sem iluminação.

como lembranças dos inventários da memória, para conturbar as linhas retas da certeza. Talvez eu queira um vidro para observar a sujidade. Talvez eu queira uma marca de tempo que não seja medida pelo relógio.⁹

Desdobrar a noção de tempo, originada de estudos acadêmicos, em produção poética, é uma forma de construir pertencimentos. Foi um modo de habitar aquela casa que me era estranha, de tornar presente os acúmulos de maresia através da queda das folhas. Desdobramos para a criação de diferentes caminhos que passam por um mesmo ponto, nesse caso, o ponto interseccional do tempo e da memória. Como uma folha que foi insistentemente dobrada, podemos desdobrá-la para compreender melhor o processo da própria dobra. Dobro e desdobro as folhas em pertencimento.

O desdobramento é um tipo de insistência baseada na experiência para a criação de sentidos. Eu habito o mundo na medida em que insisto em criar pertencimento.

Sob as incontáveis veladuras e colagens do cenário urbano, um foco de luz incide sobre a coisa e através deste pormenor, é proposta uma construção. Trata-se de um desdobramento. Um fazer algo por aquilo que já está feito, dando-lhe novo status e sentido. Tenta-se duplicar o modo de aparição de um objeto para reestruturá-lo de um jeito demonstrável daquele ambiente íntimo que antes não o seria. (Pedroni, 2014, p. 146).

O desdobramento como uma construção poética, como um fazer, é culminância, ao mesmo tempo em que é caminho, pois construímos de diferentes formas. A fala da memória é uma construção; a atitude diária sobre o corpo é uma construção; a relação com o mundo é uma construção. Trata-se de uma ação de construir e desdobrar para habitar e pertencer. Para uma casa ser habitada, a vida tem que acontecer nela. “Parece que só é possível habitar o que se constrói”, diz Heidegger, no texto “Construir, habitar, pensar” (“Bauen, Wohnen, Denken”, 1954, p. 1).

Mas nem todas as construções são habitações. Uma ponte, um hangar, um estádio, uma usina elétrica são construções e não habitações; a estação ferroviária, a auto-estrada, a represa, o mercado são construções e não habitações. Essas várias construções estão, porém, no âmbito de nosso habitar, um âmbito que ultrapassa essas construções sem limitar-se a uma habitação. Na auto-estrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Na usina elétrica, o engenheiro está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Essas construções oferecem ao homem

9 Folhas Secas é desdobramento acadêmico (processo seletivo do mestrado em História Social – USP) e de mudança de cidade. Desdobramentos não se isolam como produto, mas continuam a criar ramificações criativas. É de Folhas Secas que a mostra “Chronologia Kairológica” (Pedroni, 2013) se desdobrou, uma forma de se vivenciar o tempo kairológico.

um abrigo. Nelas, o homem de certo modo habita e não habita, se por habitar entende-se simplesmente possuir uma residência. (Heidegger, 1954, p. 1).

A construção serve para habitar, mas não é uma relação causal, como meio-fim. Habitar e construir demandam relações essenciais, e Heidegger as discute através da linguagem, das aproximações e transformações linguísticas. “*buan*”, no alto-alemão, era palavra usada para dizer “construir”, que significa habitar, morar. É a partir dela que o filósofo aproxima outras palavras e traça um estudo de “*bauen*” (construir) para perceber que:

1. *Bauen*, construir é propriamente habitar;
2. *Wohnen*, habitar é o modo como os mortais são e estão sobre a terra;
3. No sentido de habitar, construir desdobra-se em duas acepções: construir, entendido como cultivo e o crescimento e construir no sentido de edificar construções. (Heidegger, 1954, p. 3)

Habitar não é possuir residência, mas é estar no mundo, é a própria condição de se encontrar no mundo. Parte importante desse pertencimento é a memória, a percepção de importância das histórias e sentidos de existência. De um corpo que habita, que cria pertencimento. Ali, onde você passou a habitar, é onde também acontecerá a construção, pois “Construir não é, em sentido próprio, apenas meio para uma habitação. Construir já é em si mesmo habitar.” (Heidegger, 1954, p. 1). Há dois pontos a se sublinhar na conferência de Heidegger para essa discussão dos sentidos de habitar e pertencer:

a) Habitar é pertencer ao mundo

Heidegger divide o modo originário de habitar, a unidade originária, em quatro faces, a quadratura: terra e céu, os divinos e os mortais. (1954, p. 3); é a morada junto às coisas, em que os mortais deixam o mundo ser, quer dizer, viver com. “Os mortais habitam à medida que salvam a terra, tomando-se a palavra salvar em seu antigo sentido, ainda usado por Lessing. Salvar não diz apenas erradicar um perigo. Significa, na verdade: deixar alguma coisa livre em seu próprio vigor.”. (1954, p. 04). Deixar em seu próprio vigor significa cultivar, preservar, nas coisas, a quadratura; significa continuar a pertencer ao mundo. A quadratura é um dos muitos modos de se pensar o pertencimento. Mas para que o pertencimento aconteça, é preciso aprender a habitar, como nos afirma Heidegger (1954) em nosso segundo ponto a sublinhar.

b) É preciso aprender a habitar

Heidegger diz que ter uma habitação é abrigo e ter abrigo é importante, mas questiona se isso é suficiente para habitar. Ao final da conferência, ele retoma a questão da crise habitacional e mostra que esse é um ponto importante a se trabalhar. A resposta para a crise habitacional não é, segundo Heidegger (1954, p. 10), a construção de moradias:

Por mais difícil e angustiante, por mais avassaladora e ameaçadora que seja a falta de habitação, a *crise propriamente dita do habitar* não se encontra, primordialmente, na falta de habitações. A crise propriamente dita de habitação é, além disso, mais antiga do que as guerras mundiais e as destruições, mais antiga também do que o crescimento populacional na terra e a situação do trabalhador industrial. A crise propriamente dita do habitar consiste em que os mortais precisam sempre de novo buscar a essência do habitar, consiste em que os mortais *devem primeiro aprender a habitar*.

A resposta para a crise estaria na construção feita a partir do habitar e em direção ao habitar. Essas duas noções atravessam este texto, na medida em que se cria pertencimento e se traça caminhos para o habitar através da noção de construção e desdobramento. Em diálogo com “Construir, habitar, pensar” (Heidegger, 1954), coloco o construir e desdobrar. Ao compreender que construir é habitar, a construção permanece habitada enquanto ela continua a se desdobrar. Ou seja, é a construção que permanece em acontecimento, como uma forma de resistência à crise permanente.

Considerações finais

Se o neoliberalismo potencializa, quando não fabrica, a crise permanente, criamos nossa própria resposta de pertencimento através do desdobramento poético. Criamos imagens da ação de nossa existência. Em um mundo da produtividade, quem não produz é deixado à margem. Mas, a vida não é útil, nos diz Krenak (2020, p. 23), citando Foucault. É justamente para aqueles que forçam a margem do mundo que precisamos nos voltar, para aqueles que produzem não produtos de capitais, mas que criam e constroem.

Quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estar reconfigurados para podermos circular. Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar. Se encararmos as coisas dessa forma, isso que estamos vivendo hoje não será apenas uma crise, mas uma esperança fantástica, promissora (Krenak, 2020, p. 23).

Em caminho contrário a uma humanidade ausente, criamos imagens, nos tornamos presentes no mundo que queremos e devemos habitar para existir. Por mais desacreditados e perto do fim que possamos estar, sempre há uma história e uma imagem para adiá-lo.

Referências

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- HEIDEGGER, Martin. *Construir, habitar, pensar*. 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Disponível em: <https://filosofiaepatrimonio.files.wordpress.com/2017/03/martin-heidegger-construir-habitar-pensar.pdf>. Acesso em: 16 Nov. 2023.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- _____. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- MUNDURUKU, Daniel. Retrovisor para o futuro. In: *Jenipapos: literatura de autoria indígena*. Curso de formação, Polo Itaú Social. 2021. Disponível em: <https://polo.org.br/multiletramentos/formacao/217/jenipapos-literatura-de-autoria-indigena>. Acesso em: 12 Nov. 2023.
- NÃO POD TOCAR S03E02: *Que Tempo Bom? #OPodcastÉDelas*. [Locução de]: Rodrigo Hipólito; Alana de Oliveira; Fabiana Pedroni; Dennis Almeida [S.l.]: Não Pod Tocar, 22 mar. 2020. Podcast. Disponível em: <https://wp.me/p27PBE-Pn>. Acesso em: 16 Nov. 2023
- OLIVEIRA, Thais Reis. Ailton Krenak: próxima missão do capitalismo é se livrar de metade da população do planeta. *Carta Capital*, São Paulo, 31 dez. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ailton-krenak-proxima-missao-do-capitalismo-e-se-livrar-de-metade-da-populacao-do-planeta/>. Acesso em: 12 Nov. 2023.
- PEDRONI, Fabiana. *Chronologia Kairológica*. 2013. Instalação. Galeria Homero Massena, Vitória / ES. Disponível em: <https://chronologiakairologica.wordpress.com/>. Acesso em: 12 Nov. 2023
- _____. Homenagem ao mundo: sobre a função primeira da ornamentação. *Revista do Colóquio*, V. 3, 2014, pp. 137-150. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/7712>. Acesso em: 12 Nov. 2023.
- _____. *Folhas*. 2021. Animação de fotografias de 2013, com texto poético “O tempo que nos lava”. Disponível em: <https://notamanuscrita.com/2021/06/08/cronica-o-tempo-que-nos-lava/>. Acesso em: 12 nov. 2023
- _____. *caixas papéis janelas: memórias alheias*. São Paulo: Itaú Social, 2022. Disponível em: <https://baladaliteraria.com.br/loja/caixas-papeis-janelas/> Acesso em: 12 Nov. 2023
- _____. *Habitar, mediar, construir: o encantamento do mundo pelo livro ilustrado*. 2023. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/43fcd9e8-1259-4644-901c-f41934eb4a3b> Acesso em: 16 Nov. 2023.
- SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2004
- SOUZA SANTOS, Boaventura de. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020. Disponível em: https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf. Acesso em: 12 Nov. 2023.

Fabiana Pedroni

Doutora em Artes na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IA-UNESP), mestra em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Facilitadora na modalidade bolsista da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp). Desenvolve pesquisa na área de Arte Educação, sobre livros ilustrados infantis e na área de História das Imagens. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação (GPIHMAE - UNESP) e do Laboratório de Pesquisa em Teorias da Arte e Processos em Artes (LabArtes - UFES). Desenvolve pesquisa e produção na área de arte contemporânea; Redatora do site notamanuscrita.com; Artista, crítica e literária atuante pelos grupos Coletivo Monográfico e NOTAmanuscrita, com os quais tem produzido textos, vídeos, ações performáticas e instalações desde 2012. Podcaster no podcast Não Pod Tocar. Recebeu os prêmios Bolsa Ateliê, da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo com o projeto de instalações “Ínfimos Corriqueiros - Pormenores Possessivos” (2012-2013) e Prêmio de Iniciação Científica como Melhor Trabalho na Área de Humanidades (Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes) (UFES- 2010).

<http://lattes.cnpq.br/4608508847849874>

<https://orcid.org/0000-0003-2272-431X>

E-mail: nuvemtrincada@gmail.com